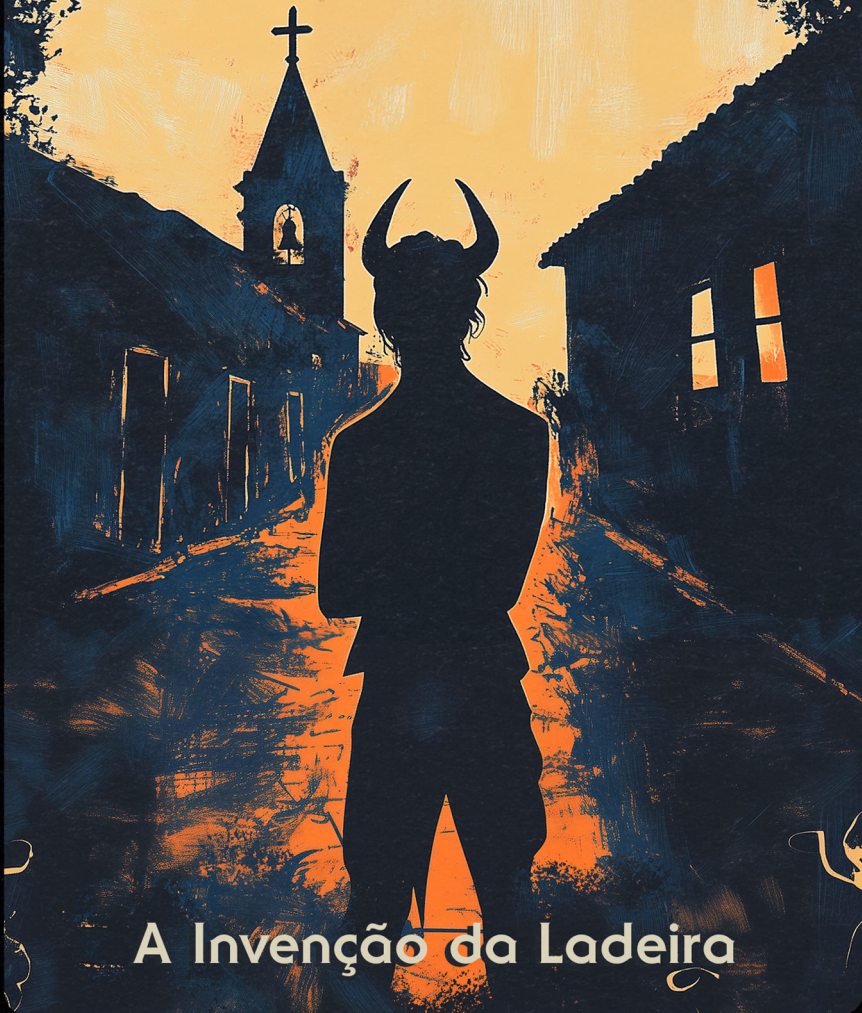


PAULO RAVIERE



A Invenção da Ladeira

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT

DARKSIDE DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*Divi-divi-divi-divi-dividir Salvador
Diga em que cidade que você se encaixa
Cidade alta, cidade baixa
Diz em que cidade você*



Um conto de Natal de
PAULO RAVIERE

a invenção da ladeira

Apesar das desavenças, Lúcifer sabia que todos os membros de suas hostes também eram filhos de Deus, e por isso também mereciam férias no final de dezembro (recusava-se a proferir o nome do feriado sacro). O Portador da Luz e seus funcionários trabalhavam bastante. A clientela do inferno era vasta. Sempre entrando, nunca saindo. O freguês sempre com a razão. Não gostavam, mas estavam certos em não reclamar. Papéis, cadastros, subordinações, gente; era o inferno da burocracia. Não havia descanso no inferno. Um lugar desconfortável.

E pérfido.

Mesmo seu líder só poderia descansar um pouco quando a enxurrada de clientes parasse de cair no precipício. Então fez uma oração simples, de uma humildade melíflua que, se transcrita em palavras humanas, soaria assim: “Pai Nosso que estais no céu, livrai-nos do mal, concedei-nos uma semana de equilíbrio, virtude e tolerância. A humanidade não pode continuar este poço de lama e sangue apenas por herdar males alheios. A humanidade precisa de uma trégua”.

E falou mais um tantinho. Discursos diplomáticos, fingidos. Claro, não acreditava nas próprias palavras, muito menos o Pai acreditaria. Mas se a linha era torta, o pedido tinha um fundo de verdade.

Não desejava mais do que um pouco de justiça. Desse modo, arrependidos, pecadores, infiéis, vilões, idólatras, assassinos, gulosos, violadores, sodomitas, capadóciolos, babilônios, filisteus, toda a clientela dantesca perderia o livre arbítrio por uma semana. Não havia pecado sem intenção. Todos perdoados por uma semana. O Pai e o Filho eram viciados em trabalho. Um dependia do outro, e eram incapazes de largar o serviço por mais do que uma semana.

Aos donos do mundo, não há nada de interessante a se fazer nas férias, pois tudo já está previsto. Os líderes desapareceram sem demora. Quem se lembra d'Ele, quando se está livre de inquietações? Os inocentes pecadores não precisavam de mais nada, pobres ovelhas. E quem se lembra do filho fugitivo ou abandonado, quando mesmo o Pai, alvo de adoração, já não aparece mais em lugar algum?

E assim os demônios começaram a partir, o fogo se abrandou, os berros cessaram e o inferno fechou as portas por uma semana.

Mas o inferno não era composto apenas de chamas e gelo e enxofre e aço e lágrimas e sangue e fezes e fel e açoites e tridentes e gritos e sussurros. Há um demônio do baixo clero, um demônio de terceira categoria, que, com a mais singela das torturas, há séculos aterroriza monges copistas, escribas, impressores, editores e demais profissionais das letras. Esse demônio chama-se Titivillus, uma figura mofina e mirrada, meio desconjuntada, contra quem pouco se reza no mundo terreno, pois seu ofício perverso consiste, meramente, em trocar as letras e as sílabas dos textos. Quem quer que já tenha se aventurado a publicar alguma coisa, sabe o quão infausto e melancólico é encontrar as suas esmeradas valapras preimssas com as lísabas e as latres tracodos ou ngolids.

No entanto, ainda que a *gens de lettres* perca o sono por algumas noites, provavelmente ninguém nunca perdeu sangue ou teve uma fratura exposta por consequência da inversão de algumas letras aleatórias. No máximo, uma vírgula mal posicionada pode ter dado um bom prejuízo a alguma empresa; mas, de modo geral, é mais fácil dedicar o grosso de

nosso temor a demônios grelhadores, esmagadores, açoitadores, espetadores, mastigadores, e aos infernos terrenos que são *os outros*, nossos semelhantes.

Fato é que o Titivillus estava conformado com sua falta de protagonismo; e mesmo assim, como todo bom burocrata, apreciaria umas férias durante a semana do Natal (diferente do chefe, ele não se importava em proferir o nome do feriado sacro). Tinha toda a eternidade para realizar seu serviço, ou seja, as pessoas não parariam de produzir textos por causa de sua atividade, que, afinal, carecia de uma meta específica. Embora houvesse aprendido a apreciar seu ofício, não deixou de sentir certo contentamento quando surgiu a notícia de que receberia uns dias de folga.

Decidiu viajar também, e havia algo de desregulado no cronômetro histórico da jovem criatura (que, por dever de ofício, era disléxica), de modo que ela chegou ao seu destino paradisíaco alguns séculos antes do planejado. A propaganda se referia ao futuro. Havia tantos destinos: naquele século, poderia ter ido à China, às Arábias, mesmo à Europa, que ele já conhecia bem. Mas não. Seu destino foi a Bahia. Era fim de dezembro, desejava evitar o frio.

Contudo, o demônio Titivillus adiantou-se muito, muitíssimo tempo. *Soteros*. A cidade de São Salvador da Baía de Todos os Santos ainda não possuía portos, fortes ou cadafalsos. Morria-se pouco em tais terras. As cores ainda não estavam misturadas. As flores eram apenas mais um elemento de um cenário silvestre. Tudo era plano. As ladeiras de longitudes infinitas ainda não existiam. Nada existia de sagrado. Apenas o inferno era antigo.

Subiu por uma caverna de uma selva escura (pois naquele tempo as vias de saída daquele reino ainda eram cavernas e precipícios), atualmente localizada na Chapada Diamantina, e apreciou a paisagem. Água, pedras, rios. Tudo ainda muito plano. O sol a estralar acima do mundo — um inferno nos céus. Diante de um bando de equinos selvagens, sequestrou um deles e cavalgou muito rápido. Intuitivamente, chegou à cidade prometida. Era completamente diferente do que indicava o guia.

O Pai, em sua reclusão, deveria estar rindo secretamente. Se não foi obra dele, certamente imperícia também não seria. Mas *ele* sabia, e sua omissão fora proposital. O pobre demônio portava um guia da segunda metade do século XX, mas, vítima do próprio ardil, chegara séculos antes de existir a própria ideia de século. Veio antes de a baía se tornar a Bahia.

Em vez de grande arquitetura, casas coloridas, belas igrejas (ele apreciava a grande arte, independente de quaisquer ideologias), mulheres sorridentes, jogadores de capoeira, e tudo mais o que pinta aqueles quatro cavaleiros da baianidade, Petrus, Georgius, Hector *et* Dorival, bebendo cachaça nos botequins, vestidos em suas camisas floridas, enquanto discutiam a nova bossa de Vinícius de Moraes, em vez disso, tudo o que o filho encontrou foi um calor devastador, mata virgem e animais inquietos.

— Meu Deus, se fosse pra sentir tanto calor, eu ficava logo no inferno! — exclamou para si mesmo.

Abandonou o cavalo e decidiu visitar as praias, que não dependiam de mãos civilizadas para serem belas. Foi em uma até então sem nome, hoje conhecida como Porto da Barra. Mas, chegando lá, o clima cada vez mais desagradável, sua única vontade era tomar alguma coisa. Muito antes dos vendedores ambulantes e das barraquinhas, as suas opções eram procurar algum riacho que desaguasse por ali, ou subir em um coqueiro. Desinformado que era, sem noção do tempo (que até hoje o Porto da Barra possui a propriedade mágica de destruir) e vendo todo aquele mundão de água indo e vindo em sua direção, o Titivillus decidiu dar um gole.

Queimou seus pés descalços na areia e, andando com passos que séculos depois viriam a caracterizar os lisérgicos movimentos do reggae, desviando-se de toda sorte de pequenos animais que viam em seus pezinhos vermelhos alguma espécie de petisco, alcançou a água. A maré estava baixa. O Pai, que tudo via e tudo sabia, ria antecipadamente das peripécias da infausta criatura.

Ao se abaixar para pegar água com as mãos, sentiu suas pernas serem puxadas pelo movimento brusco do mar, enquanto uma onda gigantesca decidiu atropelá-lo gratuitamente, uma montanha de água

ignorante que o obrigou a provar todo o cloreto de sódio que o mundo tinha a oferecer. Como se não fosse o bastante, uma criatura peçonhenta e gelatinosa colou-se em suas costas, causando-lhe ardor terrível. Ele gritou e correu desnorteadamente, com os olhos anuviados pela água salgada, até chocar-se de testa contra um coqueiro e cair de costas sobre a areia escaldante.

— O que estou fazendo neste antro de penúria e sofrimento?

Mas, como não pode deixar de acontecer com um desgraçado de porte, ainda havia uma derradeira peripécia, antes que conseguisse ir embora. Com os pés desidratados, ele largou uma bicuda no coqueiro, com toda a força, empurrando junto as outras árvores que haviam por perto. Uma frondosa paineira plantada ao lado, por exemplo, hoje pode ser vista no lugar atualmente chamado Campo Grande, a uns dois quilômetros de distância.

O chute definitivo em toda existência posterior da cidade. Muito se fala em placas tectônicas, nos movimentos milimétricos que com os séculos geram vulcões, terremotos, penhascos e, sim!, as montanhas, mas o que os doutores em geologia se esqueceram de analisar, nos seus meticulosos tratados sobre as metamorfoses terrestres, foi o avanço singular e repentino que ocorreu após a burocrática bicuda do Titivillus.

Não apenas as mangueiras resolveram se locomover, mas o chão, talvez imitando as ondas do mar, se enrugou à maneira de um gigantesco tapete, levando consigo tudo o que descansava sobre sua superfície. Um primeiro movimento se percebeu onde hoje é chamada Ladeira da Barra, e em todos seus arredores. Mais ou menos no Campo Santo se vê claramente as evidências de como essas enrugações foram bruscas. E assim por toda a região, e até fora, estado adentro, seguindo pela terra, criando a topografia do que hoje são nossas estradas e cidades, além das cachoeiras e precipícios, e parando, coincidentemente, na região da Chapada Diamantina, onde se situa o próprio portal do seu trabalho — a caverna por onde ele saíra. E foi assim que o calor insuportável de Salvador conseguiu se transformar em um tormento ainda pior, agora acompanhado das ladeiras: o remédio e o veneno do povo da Bahia.

Para encerrar suas desgraças, cai um coco na cabeça do podre diabo, enganchando-se no seu chifre esquerdo. Ele quebra a pontinha do chifre ao tirá-lo, sentindo um embaraço íntimo ao pensar em voltar daquele jeito para o inferno, e uma indignação profunda ao provar a água doce que escorria por suas mãos.

— Chega de sofrimento! O inferno é mais tranquilo!

Séculos mais tarde surgiriam, ao longe, as pontas das velas erguidas, barcarolas abarrotadas de tripulantes iludidos por sua beleza, ansiosos por solo firme, sedentos por desbravar nossas ladeiras demoníacas.

PAULO RAVIERE é escritor, tradutor e editor. Nasceu em Irecê, na Bahia, em 1986. Em 2024, concluiu o doutorado na FFLCH-USP. Colaborou com várias revistas, entre elas a *Pesquisa FAPESP*, *Barril*, *Canarana*, *Serrote* e *Piauí*. É editor da DarkSide® Books, pela qual também publicou diversas traduções e seu primeiro livro, o romance *Todos se Lavam no Sangue do Sol*.

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM